



A DISTINTA CANTORA MARIA STELLINA
(Da companhia Caramba, atualmente no Coliseu dos Recreios)

Segunda série—N.º 436

Lisboa, 29 de Junho de 1914

Dirêtor e proprietário : J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor : José Joubert Chaves

Ilustração Portuguesa

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Redação, administração, offic. de composição
e impressão: RUA DO SÉCULO, 43

Edição semanal do jornal
O SÉCULO

Trimestre..	1820 cent.	Numero avulso
Semestre...	2840 *	10 centavos
Ano.....	4880 *	

Agencia da ILUSTRACÃO PORTUGUEZA em Paris, rue des Capucines, 8

Guerra as Rugas MOCIDADE ETERNA

A Arte de permanecer jovem



É o eterno pesadelo da mulher. as rugas, por se- rem indício da mocidade que desaparece e da velhice que sobrevem. E portanto, quantas mulheres, apesar d'essa mascara de velhice que lhes cobre o rosto, pos- suem um coração joven e as forças e aentos da ju- ventude.

Ah! se essas pavorosas rugas desaparecessem, po- der-se-hia ainda ser joven.—Não desespere mulher. A Electricidade que tantas maravilhas produz, consogu- rá fazer-lhe desaparecer as rugas e adquirir um rosto formoso e uma cutis lisa.

A Massagem da cara acompanhada com o incentivo electrico favor ce a circulação do sangue através dos musculos: **provoca um aumento de substancia muscular forte** (cujo amolecimento é a causa das rugas) produzindo a redondez das linhas do rosto e fazendo desaparecer as rugas.

Remetem-se Instruções completas.—Preço Francos 35. Ré s-Portugal 78500. Réis-Brazil 218250. Enviar a Importancia por Cheque ou Vale do corre o ao Di- rector do Gabinete P. R. MART. —Boulevard de Picpus, 40—PARIS.



Photo-grafia e eduzidissima do APARELHO DE MASSA- GEM ELE- CTRICA. Suas dimensões são de 190 X 90 m/m. Peso 500 grammas. Completamente de níquel; encer- rado em elegante estojo.

Trabalhos tipograficos em todos os generos
FAZEM-SE NAS
OFFINAS DA ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
RUA DO SEculo, 43 LISBOA

PEÇAM A ESTE HOMEM QUE LHE LEIA A VIDA.

O seu poder extraordinario de lêr as vidas humanas, seja a que distancia fór, assombra todos: aqueles que lhe escrevem.

Milhares de pessoas, em todas as sendas da vida, tem tirado bom proveito dos conselhos d'este ho- mem. Diz-lhes quaes os seus fins e os seus objectivos que as suas capa- cidades lhes prome- te e de que modo po- derão atingir o bom exi- to desejado. Indica-lhes os amigos e os inimigos, o descreve os bons e os maus periodos de cada existencia. A descrição que faz do que diz res- peito aos acontecimen- tos passados, presentes e futuros causar-lhes-ha espanto, e servir-lhes- ha de auxilio. Tudo quanto elle precisa para o guiar no seu trabalho limita-se a isto: o nome da pessoa (escrito pela propria mão d'ela) a data do nascimento e a declaração do sexo.

É escusado mandar dinheiro. Citem o nome d'este jornal e obterão uma Lettura d'Ensaio gratuita. Se a pessoa que isto lêr quizer aproveitar este offercimento especial e obter uma revista da sua vida, não tem mais que enviar o seu nome, apellido, mo- rada e a data do seu nascimento (dia, mez e ano, não bem claramente escrito e explicado), e quer seja senhor, senhora ou menina solteira, copiando tambem pela sua letra os versos seguintes:



São milhares os que nos dizem
Que daes conselhos sem par:
Para atingir a ventura,
Quereis-me o caminho ensinar?

A pessoa que escrever, se essa fór a sua vontade, pode juntar ao pedido a quantia de 150 réis em estampilhas portuguezas (ou 50 réis em estampilhas brazileiras) para despesas de porte e de escritorio. Dirija a sua carta a Clay Hurton Vance, Suite 2008 R., Palais-Royal, Paris, Franca. As cartas para a Franca devem ser franquiadas com 50 réis, moda portugueza (ou 20 réis moda brazileira).



Cabelos fortes, abundantes limpos e sedosos, CINCOENTA ANOS DE CREDITO BEM JUSTIFICADO PERMITE AFIRMAR QUE O

Tonico Amarelo com sello **Viteri** Preparado desde 1882 pela **PHARMACIA BARRETO.** — Suspende a queda do cabelo, promove o pentado das senhoras. **Regenera a cor primitiva.** Tira a caspa e limpa a cabeça de todas as substancias nocivas ao cabelo. Impede a calvice, conserva os frisados e ondados. Não contém enxofre. **Frasco 700 réis** para fóra de Lisboa mais 100 réis para porte e registro. **Deposito geral**

VIGENTE RIBEIRO & C.ª - 84, R. Panqueiros, 1.ª - LISBOA

PARA QUE VIVER?

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegrias, sem felicidade, quando é tão facil obter fortuna, saúde, sorte, amor, correspondido, ganhar aos jogos e loterias, pedindo a curiosa brochura gratis, em portuguez, do professor **YVES D. 35, Boulevard Bonne-Nouvelle, 35 - PARIS.**

Sederias Lucerna



Peçam as amostras dos nossos novidades de primavera e verão com figurinos para vestidos e blusas: **Crêpe, Estampados, Duquesa, Chinez, Crêpes da China, Musselina suíssa** desde Francos 1,25 o metro, em preto, branco e cor.

Vendemos as nossas sedas de soidez garantida directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.

Schweizer & Co, Lucerna E 11 (Suíssa)
Exportação de sedas.

Maura si; Maura no.

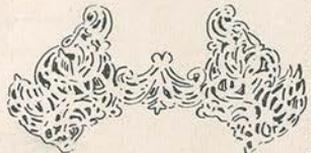
Maura, esse homem singular, face ardente de berbére, barbuna branca de satiro velho, figura de sombra e de contradição, de imprevisto e de paradoxo, que ha dois anos vem enchendo com os seus gestos simultaneos de auidacia e de renuncia, de abdicção e de combate



a vida politica da Hespanha, — tornou-se n'este momento o foco de todas as atenções e o motivo de todas as discordias. A reacção tez d'ele o seu porta estandarte. Aos gritos da onda branca — *Maura si!* —, respondem os uivos da onda vermelha — *Maura no!* A fuzilaria estoirá, as cargas varrem as ruas, o sangue corre. Já não é a realza que os republicanos pretendem atingir; é alguma coisa para além da propria realza, alguma coisa de mais apostolico, de mais reaccionario, de mais monarchico do que o proprio rei: — é Maura.

Rendas

A sr.^a D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro abriu a sua exposição annual de rendas de Peniche. Como a encantadora puerilidade que é



uma renda, póde, tocada pelo genio, resplandecer da mais nobre arte!

Como essa maravilhosa ourivesaria branca, ligeiramente picada e tecida na graça luminosa d'uma onda de espuma que se immobilisasse, consegue dar-nos a impressão magnifica da opulencia e do movimento, do ritmo e da côr! Como esse milagre de bilros, ao mesmo tempo carinhoso e exultando, póde fazer surgir a beleza d'um floco confuso e inexpressivo de linho branco, — levemente, graciosamente, n'um frémito de aza, n'um gesto de vôo!



A crise

A crise politica, que foi, de facto, uma crise parcial de gabinete, teve a sua solução rapida. Em substituição dos ministros demissionarios, o sr. dr. Bernardino Machado obteve a cooperação eminente de dois nobres e cultos espiritos: Almeida Lima e Santos Lucas. Ao atual gabinete sobra, em valores de competencia, o que lhe falta em condições de estabilidade politica. Entretanto, os interesses da administração publica, prejudicados pela ação sucessiva de gabinetes efémeros, reclamam a permanencia no poder de elementos estaveis de governo, capazes de assegurar, n'uma obra metódica, a unidade e a continuidade dos planos administrativos.



«Menino»

Antonio Coriêa d'Oliveira, no «Menino», canta a vida e a morte do seu primeiro filho. No novo livro, o pantheista da *Ara* e da *Raiz* transfigurou-se. O poeta montanhez e virgiliano em cuja alma bramia a alma convulsa das florestas; o lirico pagão que se desentranhava



em éclogas cristãs, que bebia sol, que aspirava como um fauno o perfume acre da terra, e para quem a dôr d'uma

arvore, o gesto crispado d'uma raiz, a attitudé tragica d'um tronco varejado da tempestade excediam todas as dôres e todas as agônias humanas, — encontrou enfim a nota de humanidade palpitante que faltava ainda em toda a sua obra.

JULIO DANTAS

(Ilustrações de Manuel Gustavo).

LEGENDA D'UM CORPO DOLOROSO

ANTONIO
JORGES

Os lábios de Ela que se abriam em sorriso, eram uma chaga de piedade: beijavam como um olhar acariciava uma lagrima... Andava tão doente... trazia os lábios tão doentes que as pétalas, se eles as tocavam, convertiam-se por milagre da graça em perfume, para lhe não magoarem os lábios...

—Claudia—disse-lhe eu—Ha tanto tempo que não vaes ao jardim . . . vae ver as glicínias... metem pena. . . fizeram a promessa de não florirem, sem que as tuas mãos lhes concedam a graça... Parecem mendigas que suplicassem a uma princeza morta... metem pena as glicínias...

Os olhos de Ela derramaram um olhar que parecia vir impregnado de lágrimas.

—São tão minhas amigas as flores, não é verdade?—murmurou Claudia. Quando eu passava pela alameda, presentiam-me como os céegos de Jerusalem adivinhavam Cristo... Uma noite de luar passeava no jardim... lembra-te—n'aquela noite em que me senti tão doente... impregnei-me tanto de perfumes, tanto os meus olhos se enevoaram de perfumes que me julguei uma aparição... um corpo embalsamado que rompesse um sepulcro, para violar altas horas o silêncio d'um jardim real...

—Ainda estavas tão doente... peoraste... Eras uma haste gracil, tão debil e fraquinha que as flores, de tanto te embalsamarem de perfumes, pensaram fazer de ti uma irmãzinha...

—Vem do jardim um perfume... Sergio, tenho medo... tenho medo... lembro-me...

—E' uma das mãos das mendigas... são as glicínias que suplicam a uma princeza morta... —segredei, acariciando-lhe as mãos que pareciam perturbadas...

—Morta... morta... Um corpo embalsamado... tenho medo, tenho medo...

—Dá-me as tuas mãos... não tenhas medo... Ah! como as tuas mãos se transfiguraram... O sangue que murmurava nas veias das tuas mãos, transubstanciou-se em azul de ceu purissimo... Se as tuas mãos só pedem ao Senhor... E' verdade... As veias das tuas mãos são como as veias dos lírios, por onde correm os perfumes como um liquido subtil...

Emudeceu... Para o silencio devoto que lhe ia na alma, tinha um ritual de expressão no rosto... as mãos, languidas e finas, pareciam buscar sonambulamente um ritmo perdido...

Emudecera tambem. Ah como eu sofria a volupia de ver sofrer... De repente, passou no meu olhar, como um sonho, esse cenario tragico do Santo Officio, onde os inquisidores por um requinte excessivo de fé, torturavam as almas que se esculpiam em altos relevos, lóbregas de raias, epileticas de gestos—bocas dilacerando mal-

dições em vão, gritos impotentes que deixavam o rosto alucinado como um fantasma!...

Olhara-me... Abandonei Claudia como se abandonava uma estatua que nos rouba o olhar e fui como um cego, tateando, para o jardim,—os braços contorcidos na lembrança de que já tinham abraçado um cadaver, para roubar á ultima e estranha alucinação que uma alma entranhada bem no corpo sente e desvaira quando os desejos perto da morte, impregnam a nossa carne como raizes avidas, no momento em que eu lhe enterrava no coração a lamina fria d'um punhal como uma apoteose ao meu olhar perdido!

Tirei o punhal que guardava no peito como uma reliquia. Puz-me a olha-lo e tive medo que ele me perfurasse o olhar!... Estava branco, tão branco como se estivesse em estado de pureza! e sorri... Tinha-me dominado... ganhei sangue frio... e continuei a sorrir...

A voltar para a beira de Claudia. Ageitei o punhal no peito e o coração parece que ficou opres-



ANTONIO
JORGES

so e lembrei-me da mascara que tinha tirado á minha primeira amante depois do crime! Bebera-lhe o sangue que fluia como d'uma fonte sagrada. Tornei-lhe o corpo exangue como uma flor.

Eis o motivo da minha grande obra, da maior obra. Dei á *maquette* estranha a legenda em latim: *Mors voluntosa*.

O latim é a lingua que celebra'o solene ceremonial dos ritmos! E' a lingua que se fala no Vaticano. Cesar Borgia, ao praticar um crime, invocava a vitima, acordava-a p'rá morte, com duas palavras latinas como um *peam!* pagão! Transfigurava-se de Elegancia, resplandecia de Purpura!

A minha obra nasceu das Nupcias da Volúpia com a Morte. Roubei o segredo eterno que tenho cravado na lamina fina d'um punhal...

A minha obra será a consagração do meu crime e da minha Arte!

Creou-se-me a vontade de ver a mascara estranha.

Passei perto de Claudia. Lia a Imitação de Cristo silenciosamente... os olhos estagnados de lagrimas... resava a Imitação... tinha os labios n'aquela expressão magoadissima que uma continua prece esculpe ao sabor dos ritmos divinos que lhe iam na alma e lhe secavam o corpo, até o moldarem á feição d'um cadaver mirrado d'uma santa, guardado como uma reliquia n'um sepulcro gotico...



Dei uns passos incertos e caí em remorso... Veiu-me aos nervos a tentação de rasgar aquele livro que eu amo, incendiar os bocadinhos rasgados como um auto de fé, sentir o fogo arrebatar toda aquela pureza que desapega as criaturas da terra como uma nuvem, ao formar-se á superficie do mar, suggestão as aguas e eleva-as para o céu.

Talvez as almas dos naufragos vão envoltas nas nuvens... As nuvens teem á vezes as formas contorcidas de corpos que rogam aflitivamente sete palmas de terra á terra que lhes foge!

Tentei recuperar a minha serenidade. A minha Alma apenas esboçou um sorriso que mal se conhecia nos labios. Deu-me calafrios o lembrar-me que talvez amanhã fosse um possesso de remorso. Encorquillei toda a minh'alma dentro do

meu corpo como um caracol na sua concha, arrepelei-me todo dentro do meu corpo que me havia de esconder aos meus proprios olhos da cara.

Lembrei-me de umas palavras que certa tarde tinha esculpido n'um pedaço de marmore, com a elegancia heraldica que escrevesse um velho pergaminho: «Sorri para os teus crimes, para que te não possuam em remorso e os possas amar como aos teus labios.»

«O sorriso liberta-te e torna-te enigmatico como uma esfinge. A ultima das aberrações é dar-mo-nos a conhecer.» «A esfinge com o seu eterno sorriso e misterio, talhou no rosto a suprema expressão do cinismo. E' que ela sabe todo o segredo e tem os labios ha milhares de anos, na attitude de quem vae contar...»

«Só outra esfinge é que poderá 'ital-a.»

«Um belo pensamento deve esculpir-se em marmore, como uma attitude heraldica. A's vezes um pensamento como uma joia rara, dá-nos em momentos aflitivos uma elegancia imperiosa que se tinha perdido em toda uma vida.»

«Cellini gravava os pensamentos na lamina fina de um punhal.»

Ganhei animo e—principe de pensamentos belos que gravara—entrei no atelier.

Dirigi-me a uma secretaria de mogno antigo, onde se escondia a revelação estetica do meu crime. Abri uma das gavetas e apareceu ao meu olhar e á minha boca ciosa de ironias a mascara da minha primeira amante, onde a volúpia noivou espasmos em sacrificio ao sangue que lhe jorrava do coração e me sagrou o punhal de fina lamina com gotas de rubins imperiaes.

Segurei a mascara como se embaðasse a cabeça duma rainha nas minhas mãos orgulhosas e fui revelar a Claudia aquele barro estranho. Modulei os labios em sorriso e levava os olhos quasi velados, porque os belos crimes devem ser evocados em penumbra, para nos parecerem sobrenaturaes.

—Deve ser uma alma que no proprio ceu tem a tentação da terra. Parece sorrir nos labios, intacto, o polen das volupias terrenas—disse Claudia, olhando a mascara e continuou:

—E' então no céu que nós sentimos a labareda supplicante do inferno. E se eu levar para o ceu certas lembranças que me façam pensar? Sabes? Eu só vivo para o sofrimento do meu corpo! A minha Alma é uma flama, onde o meu corpo se tem consumido.

Claudia pregou o olhar na cruz diafana das suas mãos e ficou cismando.

—Claudia, és um corpo doloroso!

Desde aquele dia todos os seus pensamentos eram vestidos da tunica da morte e o meu crime, na plasticisação estranha da mascara, ficou perpetuado em extase pela cruz diafana das mãos de Claudia.

Claudia andava n'uma estranha excitação mística. Os perfumes repassavam a sua sensibilidade doentia como o incenso, queimado nos turbilhões, repassa a carne macerada das Santas do Céu. Fui um dia encontrar-a a suppliciar de caricias um pequenino livro que lhe ia desfalecendo nas mãos languidas como uma supplica de labios moribundos...

Beijava-o como se beija um cadaver.

Claudia fóra oferecer aquele livro: suppliciado de caricias, como um raro sacrificio dos seus labios e das suas mãos, a um divino crucifixo de marfim que eu tinha trabalhado como se trabalha um sim-

bolo, onde se martirizava Cristo, delicado e debil, que parecia não ter corpo.

As primeiras palavras — lembro-me bem — de Claudia na noite em que a possui, voluptuosa de humildade como uma escrava, iniciando na arte de se dar com o desfalecimento de um narcótico, foram um rogo aflitivo, abafado, soluçado, que trazia as ondulações dos seus pequeninos seios virgens, como um marulhar de ritmos que lhe afluísse aos lábios...

Tinha-me pedido com seus lábios tremulos que lhe fizesse um crucifixo, que fosse a lembrança d'aquella noite dolorosa de pecados...

Eu fiquei estranhamente sensibilizado com aquele pedido que era um martirologio, que lhe ia compoendo a legenda de Santa...

Contemplei-a como se aspirasse um perfume que viesse de um velho tumulo embalsamado...

No outro dia comeci o meu trabalho com a devoção de um escultor da Edade Média, com as mãos cheias de graça e repassadas de martirio...

Dei-me a fazer uma obra de arte que se pudesse adorar.

Todas as manhãs, quando começava o meu trabalho, Claudia lia versiculos da Imitação em ação de graças por aquella pequenina obra, que devia martirizar Jesus, para encanto da sua Alma e do seu corpo arrebatado de fé que vivia na ante-volupia de perpetuar-se na atitude religiosissima da prece ante o pequenino crucifixo que minhas mãos iam esculpindo, tantas vezes acariciadas com afagos de asa pela mãos de Ela, que traziam todo o céu suspenso de tanto rezarem...

Por fim, uma tarde, fui levar-lhe como uma ofrenda, o crucifixo acabado, amortalhado em linho alvissimo que deixava transparecer o corpo do Nazareno como uma revelação divina...

O linho, fiado e bordado pelas mãos de Claudia, era todo impregnado de alma: servia para sagrar um rito...

Tinha enxugado o suor d'aquelle crucifixo como o orvalho que rociasse a haste de um lirio...

Claudia ajoelhou-se... Começou a beijar o corpo de Jesus por sobre a transparencia do linho como luar e tinha no rosto uma expressão de arrendimento...

— Martir — murmurei — em verdade te digo que deves ter o tumulo de uma Santa!

Passou as mãos pelos olhos que ficaram cheios de sombras e ficou cismando.

A tarde vinha com mãos de cilício, a enfeitigar as coisas com sortilegios de sombra...

Como um filtro, o luar, translucido de espuma, embriagou o silencio da noite.

Abandonei Claudia, silencioso... Veiu-me á lembrança um velho claustro que soffria um deserto de um seculo de prece, onde a nossa propria sombra fazia ruido e parecia acordar lamentos de lábios nas pedras dolorosas...

— Martir — pensei eu — e os meus lábios eram esparsos de melancolia...

Claudia ficou velando toda a noite o crucifixo do Nazareno como se vela um corpo morto, e per signado de luar, teve um sonho que lhe fez cerrar as palpebras...

Adoecera. Tremula e fria, entrara na cama e aconchegara ao corpo debil o lençol de linho alvo que parecia uma mortalha. Desmaiara a cabeça n'uma atitude morta e o rosto serenissimo tornou-se-lhe translucido como se lhe batesse o luar, suave aparição!

Fiquei com pena d'aquelle corpo, debil e gracil como a sua alma, que merecia um tumulo sacro, trabalhado com devoção, embalado por figuras de anjos que o arrebatassem aos céus e n'um encantamento lhe segredassem o seu eterno cicio de lábios celestias.

Devia ser um tumulo trabalhado em melancolia e morte, que o nosso olhar, contemplando-o, fosse um sacrificio de saudade, — para o oferecer ao corpo doloroso de Claudia...

Queimava-se n'um perfumador incenso que me ia embriagando de fumos misticos, como se bebesse o vinho transubstanciado do calice, no officio divino da missa...

Aproximei-me de Claudia com as mãos tremulas, silencioso de pensamentos tumulares...

E com as mãos compuz-lhe a cabeça na attitude de beijal-a... rocei os meus lábios nos de Ela, cheios de piedade e sofrimento... os meus cillios longos, naufragos de dôr, perderam-se na bruma esparsa do olhar de Claudia e fiquei esperando um ultimo beijo como a anuñcição da morte, ajoelhado, debruçado, como um peregrino exausto, incerto de caminhos ermos, ante o sarcofago de uma Santa do Céu, não tendo animo para cumprir uma promessa de rude penitencia...



PÁTRIA PORTUGUESE

Se Julio Dantas não fosse um grande homem de letras e melhor

admiráveis da «Santa Inquisição» e d'algumas das suas ressureições historicas, como essa das côrtes geraes no «Rei Saudades»,



que é
O Ilustre es-
critor sr. dr.
Julio Dantas

das
mais
nobres e impressivas coisas que o seu talento tem produzido.

A esse precioso, vibrante, complexo sentimento da côr, a essa sensibilidade agudissima de artista, juntem a cultura perfeita, a cultura sobria, e elegante, d'um erudito. Ahi têm, em toda a sua significação, a razão esplendida do seu triunfo. E eis porque, na indecisa, apagada, vida literaria portugueza d'hoje, em que tantas vozes se perdem, inuteis, Julio Dantas é sempre alguém que se escuta — porque é sempre alguém que tem que dizer.

Ha na sua obra paginas aggressivas, paginas



Do episodio: «Mousinho»

tivesse desenvolvido e educado o seu brilhante instinto da luz, da linha e da perspectiva, seria, com certeza, a estas horas, um extranho e impressivo pintor. Nasceu um colorista. A sua visão de poeta, de dramaturgo, de historiografo é, todo ela, dominada por esse sentimento e por essa sugestão da côr. A sua obra, já hoje vastissima, é, acima de tudo, uma successão de pequenos ou grandes, largos, gentis, quadros, em que a sensibilidade d'um pincel do seculo XVIII compõe, combina tintas e aspetos.

Para ele, a Historia é ainda uma grande pintura. No fundo d'essa pintura, formigam, palpitam, latejam, agitam-se almas, convulsões, ideias. Mas, através da sua evocação poderosa, essas almas, essas convulsões e essas ideias são sempre reduzíveis a paisagem, a atitudes, á expressão delicada ou sombria da tela. Antes de sugerir o facto, illumina a imagem. Antes de animar a figura, veste-a. Ninguem, por isso, em Portugal, conhece, melhor do que ele, indumentaria. Ninguem possui, por isso, na literatura portugueza d'hoje um maior poder evocativo. Ninguem dispõe atualmente, entre nós, d'um vocabulario de mais surpreendentes roupagens.

A policromia da sua visão vae, desde a graça subtil da «Ceia dos Cardeaes» e das «Rosas de todo o ano», em que as rendas e gentilezas de Watteau brincam e sorriem na aguarela, até aos claros escuros



Do episodio: «A sentinela»



Do episódio: «O senhor do Paul de Boquilobo»

audaciosas, paginas discutíveis — mas não ha uma só pagina banal. Em teatro, uma nova peça sua poderá não ser amanhã uma aclamação — mas será sempre um acontecimento. Um livro seu será sempre — uma sugestão. O seu nome será sempre — um debate. A gloria literaria, em vida, não é outra coisa. Julio Dantas chegou aos trinta e tantos anos a essa gloria.

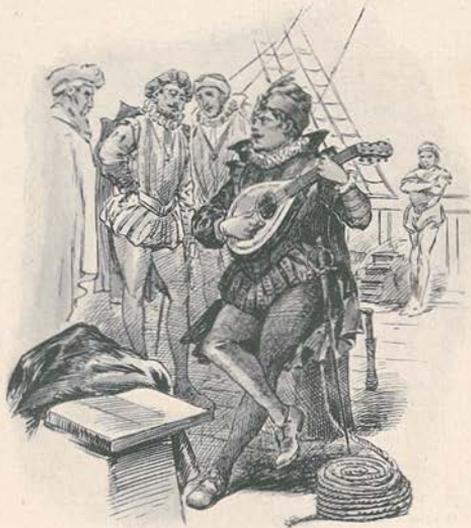
Entre o seu primeiro livro, o «Nada» e a «Patria Portuguesa» medeia o espaço de dezoito anos. E n'esses dezoito anos, desde o poeta negativista e baudelairiano da «Ruiva» e dos «Cadaveres» até á forte e poderosa afirmação do episodio d'«O Tambôr», cuja prosa viva, e lampejante, um sopro camiliano anima por vezes, — fica a maravilhosa ascensão d'um pri-

vilegiado temperamento. Esses dezoito anos valem como uma das mais orgulhosas manifestações de vitalidade literaria que eu conheço — mas valem tambem, no nosso meio, como um raro caso. São dezoito

anos d'um paciente, infatigavel estudo, que é um prodigio de metodo, entre velhos codices e emoções de beleza; são dezoito anos de atividade de espirito, n'uma terra em que a mocidade e as ideias se desperdiçam na maledicencia e na futilidade.

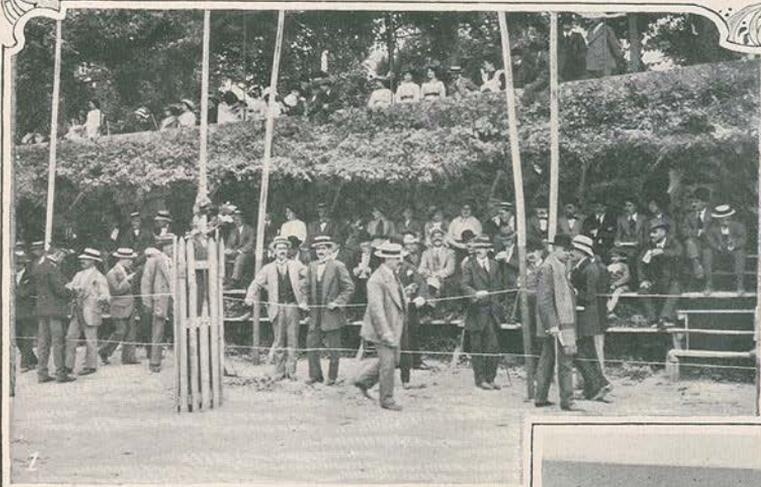
E ainda hoje, na conquista perfeita de todos os triunfos, este grande erudito da côr, este admiravel pintor da palavra, continua, perscrutando as sombras e as tintas do passado, aglomerando ideias, cantando, resurgindo figuras, crescendo livros, com o esforço insatisfeito e a ancia creadora de quem começou hontem...

AGUSTO DE CASTRO

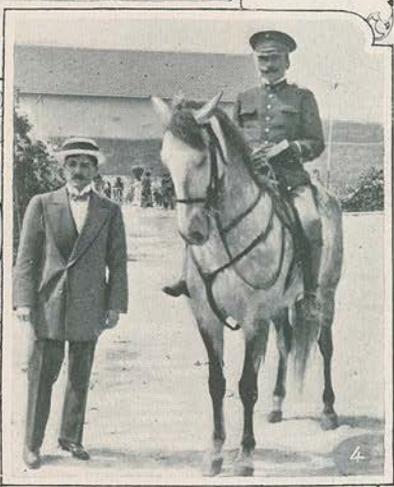
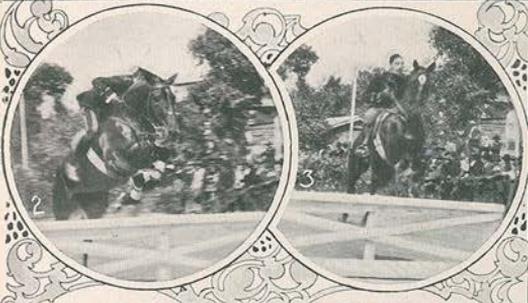


Do episodio: «As violas de Alcacer-Kibir»

Concurso hípico em Amarante



res d'esse belo desporte que se apresentam na linda vila a disputar os esplendidos premios conferidos pela comissão local sempre ansiosa de atrair ás suas festas uma brilhante concorrencia.



Amarante tambem já tem o seu hipodromo onde se realisam os concursos hipicos aos quaes concorrem cavaleiros eximios com as suas montadas bem adextradadas.

Não são só officiaes de cavalaria mas ainda distintos amado-



1. Trecho da assistencia. 2. O alferes sr. Frazão saltando na sua egua «Floresta». 3. Um salto pelo cavallo do tenente sr. Beleza. 4. O alferes sr. Frazão que obteve o 1.º premio. 5. Outro aspêto da assistencia.—(Clichês do distinto fotografador sr. dr. Mota Alves)



A Mãe

Dizia a Mãe, confrangida
E na imensa dôr absorta:
— «O' minha vida já morta!
O' morte que és minha vida!

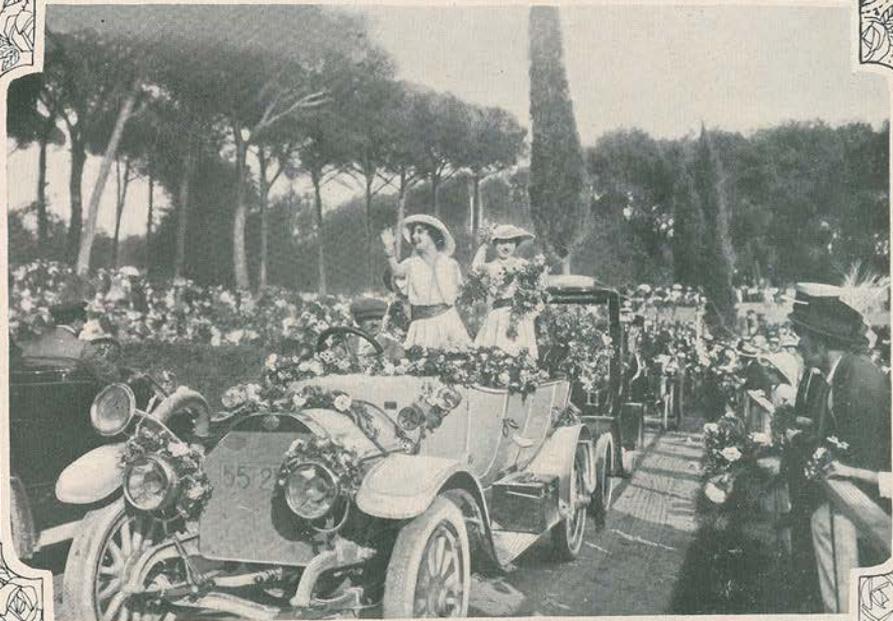
Noite, cova denegrida,
Engole o mundo! Que importa,
Nunca mais á minha porta,
Bata a luz amanhecida!

Filho! filho... O' dura Morte,
Porque és tão má e tão forte?
Possas castigar-te o céu!

Que tu ames, sejas mãe;
E um dia digas tambem:
— O meu filhinho morreu!...»—

Extraídos do livro «Menino—Sonetinhos» por Antonio
Corrêa d'Oliveira.

Uma batalha das flôres em Roma



Um aspecto da «batalha das flôres»: Como se «combateu» em Roma e o entusiasmo d'algumas formosas patricias

Em Roma, na pitoresca e aprazível «Vila Borgheze», realizou-se a tradicional «batalha das flôres» todos os anos promovida, com singular brilhantismo, pela «Associazione movimento forestieri», associação destinada, como o seu proprio titulo indica e geralmente se sabe, a desenvolver e a impulsionar o «turismo» em Italia.¹²⁶

A «Vila Borgheze» ou a «Vila Umberto I», como agora é chamada, presta-se admiravelmente para tão agradável quanto animado divertimento. A «batalha das flôres», segundo o programa estabelecido, travou-se principalmente na «Piazza de Siena», a qual, graças á sua forma oval e á especie de anfiteatro que a circunda, oferecia aos olhos dos milhares de espectadores, que n'ela se aglomeravam, um aspecto lindissimo, encantador.

O «comité» organisador da «batalha das flôres» não descurou nenhum detalhe para que a «batalha» de 1914 deixasse as melhores recorda-

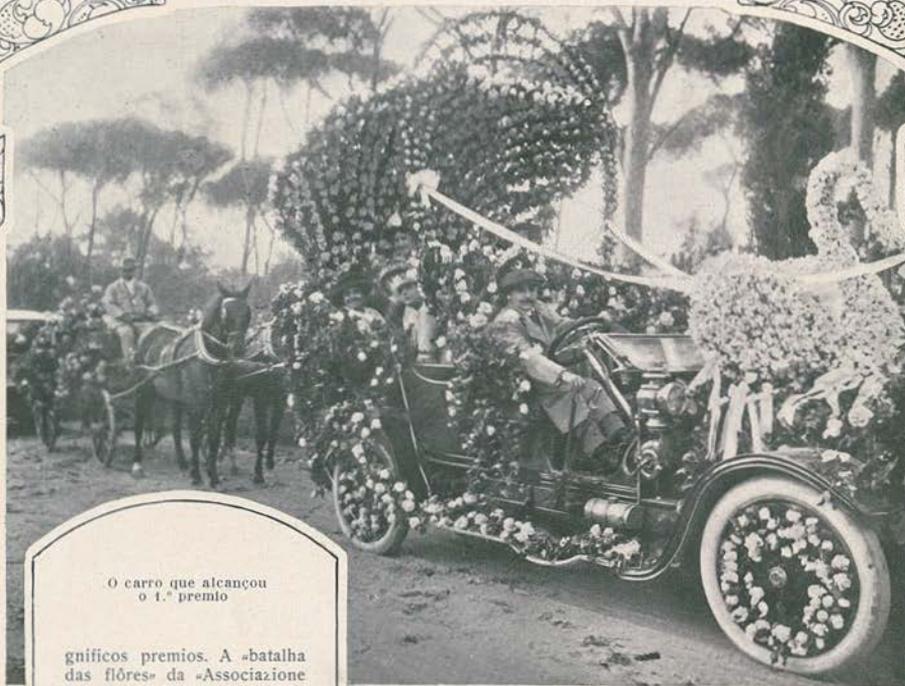
ções. Assim, por exemplo, regulou, com singular criterio e ordem, a entrada e a saída do publico e das carruagens e automoveis nos recintos reservados e—o que é mais—conseguiu distribuir os vendedores ambulantes por todo o percurso, evitando que o combate cessasse ou amortecesse... por falta de «munições».

O «comité» abriu varios concursos com valiosissimos premios e ele proprio, para dar o exemplo, apresentou alguns carros enfeitados; com o mais requintado gosto artistico. E' escusado, porém, notar que o «comité» não disputou quaesquer premios nos concursos chamados «livres» e de «reclame» mas tão somente no concurso denominado «profissional».

Apareceram carros e automoveis lindissimos, ostentando ornamentações custosas e d'um indiscutivel gosto artistico, lutando o juri com dificuldade para distribuir, com justiça e equidade, os ma-



Um dos carros que não foi premiado mas que chamou bastante as atenções

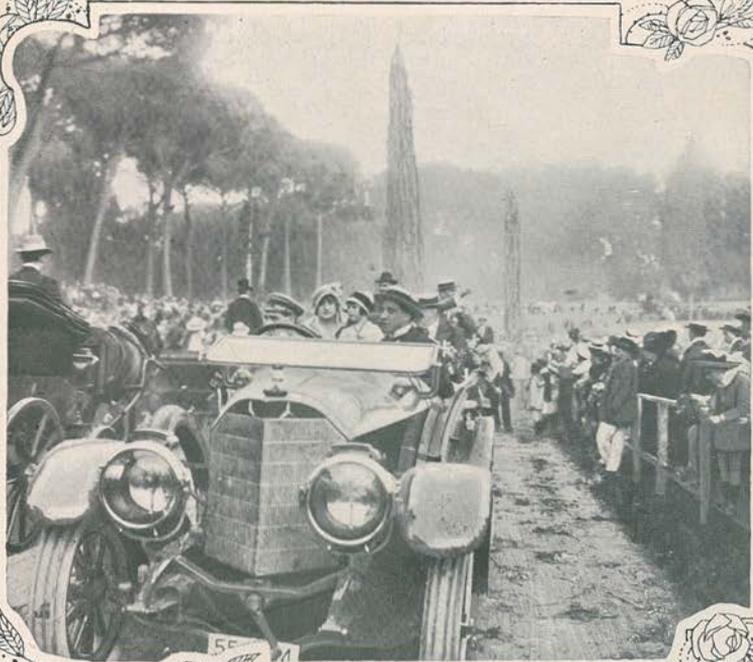


O carro que alcançou
o 1.º premio

gníficos premios. A «batalha das flôres» da «Associazione movimento forestieri» é ainda um acontecimento mundano. Na «Vila Borghese» dão-se «rendez-vous» todas as pessoas que em Roma teem um nome nos registos dourados da aristocracia e da diploma-



Uma linda flor entre as flôres



de terminada a «batalha», constituiu um espectáculo deslumbrante, e foi, na opinião da imprensa, um auspicioso início do verão ou uma despedida honrosa da sociedade elegante em véspera de partida para a amenidade dos campos ou para as frescuras das praias.

A «Piazza di Siena» no auge da animação.

cia, sempre anciosas de mostrar-se e de pôr-se em evidência.

A «Ilustração Portuguesa» insere hoje alguns aspéctos do interessantíssimo certamen apanhados em flagrante, quando a «batalha das flores» estava no seu auge e o «combate» era mais renhido.

A debandada, depois



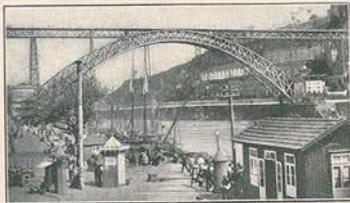
Na «Piazza di Siena»: o desfilar dos carros e dos automóveis

El nova avenida de Gaia

O que é a «Avenida da Republica», em Vila Nova de Gaia? Não é facil dizê-lo nem é cousa facil de julgar.

Melhor é exp'rimenta-lo que julga-lo.

Ouço, porém, d'aqui o meu amigo e ilustre senador Afonso Cordeiro retificar o verso de Camões. «Melhor» não; peor, muito peor. «Peor é exp'rimenta-lo que julga-lo». E' que o sr. Cordeiro, a cuja competencia e dedicação o concelho de Matosinhos deve o possuir estradas que lembram as aleas ensaibradas d'algum jardim, na primeira vez em que comigo, na missão de propaganda politica como candidatos q. e eramos á representação



Eis a razão que me leva a oferecer á «Ilustração Portuguesa» tres elucidativas fotografias de aspectos d'aquela estrada, que o Estado começou ha cerca de trinta anos e que está quasi como no começo: em parte por abrir, em outra parte por alinhar, sem nivelamento, sem um unico metro quadrado de «macadam», e que, todavia, se destina a servir um concelho de 85.000 habitantes como é o de Gaia, e que serve o do Porto, e que precisa de não envergonhar, na sua estetica e no seu estado, a obra monumental que o arrojio de Eifel ali construiu ao pé e de que ella forma o complemento.

Pois envergonha a ponte, envergonha o concelho de Gaia e envergonha-nos a todos nós!



Avenida da Republica em Vila Nova de Gaia. A parte da Avenida que se encontra á saída da ponte de D. Luiz I

do mesmo circulo Gaia-Matosinhos-Maia, rodava no seu elegante «milord» ao longo d'um pequeno trecho d'aquella tão falada avenida, imaginou ficar ali sem molas de trem, sem parelha, sem corpo e sem alma!

A «Avenida da Republica! Aquilo não é coisa que se diga. Aquilo «só visto».

Nunca ali se trabalhou a serio. De vez em quando, se havia no Porto «lock-out» na tecelagem, os governos da monarquia mandavam para lá os tecelões, que... «teciam maçarocas varias». Diz-se que nas contas publicas entrava aquella avenida por muito dinheiro, mas não se sabe em que foi gasto.

De ha poucos anos a esta parte, em compensação, tem sido uma estrada economica. Trabalhos inteiramente parados. Não ha coisa

lhe dirigi para vêr a «Avenida da Republica». Viu e pasmou e «prometeu». Espero que cumprirá a promessa.



1. Um alinhamento maravilhoso.—2. O pavimento da Avenida, vendo-se ao fundo a cidade do Porto

mais simples nem mais barata. O povo de Gaia, que se arranje; o do Porto que se contente com o que tem.

Até ha pouco foi assim. Mas o atual ministro do Fomento, na sua recente viagem ao Porto, acedeu gentilmente ao pedido que

Entretanto, façamos testamento quando precisarmos de percorrer a Avenida,

BERNARDO LUCAS.

Deputado por Gaia.

(«Clichê» do distinto fotografo sr. Guedes d'Oliveira).

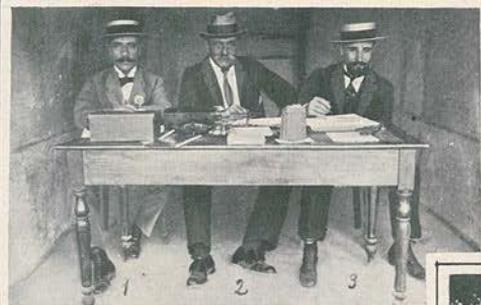
O TIRO AOS POMBOS NO PORTO

Com numerosa e distinta assistencia, realisou-se no magnifico «stand» do Club de Caçadores do Porto, á quinta de Salgueiros, um grande torneio nacional de tiro aos pombos, a que concorreram alguns dos mais distintos atiradores do paiz, estando representados clubs de Braga e de Lisboa.

Presidiu ao juri o sr. José Novaes da Cunha, secretario pelos srs. Sabino d'Almeida e José Gon-

calves Pena, sendo diretores de tiro os srs. José Augusto Pinto da Silva e Nuno de Brito e Cunha.

Depois de renhidos desempates, fez-se a classificaçào, sendo os premios entregues pela ordem seguinte: Cyril Wright, do Porto, 100\$000 réis e medalha d'ouro; Adelino Correia, de Braga, 60\$000 réis e medalha de prata; Armando Gonçalves, do Porto, 40\$000 réis e medalha de prata; João Antonio Guimarães, do Porto, medalha de prata e taça de cristal e prata; Julio Ferreira dos Santos Silva Junior, do Porto, 20\$000 réis



calves Pena, sendo diretores de tiro os srs. José Augusto Pinto da Silva e Nuno de Brito e Cunha.

Depois de renhidos desempates, fez-se a classificaçào, sendo os premios entregues pela ordem seguinte:

Ciril Wright, do Porto, 100\$000 réis e medalha d'ouro; Adelino Correia, de Braga, 60\$000 réis e medalha de prata; Armando Gonçalves, do Porto, 40\$000 réis e medalha de prata; João Antonio Guimarães, do Porto, medalha de prata e taça de cristal e prata; Julio Ferreira dos Santos Silva Junior, do Porto, 20\$000 réis



1. O juri: srs. Sabino d'Almeida, José Novaes e José Gonçalves Pena.—2. O distinto «sportman» sr. José Torres alvejando os pombos.—3. Um grupo d'atirados:es.—(«Clichés» Alvaro Martins).—4. Aspetto d'um «pic-nic» realisado na praia de Espinho pelos passageiros que escaparam da colisão de combolos em Campanhã na madrugada de 15 de maio ultimo e no qual se felicitaram pelo seu salvamento.—(«Cliché» do distinto fotografo amator sr. A. Cruz).

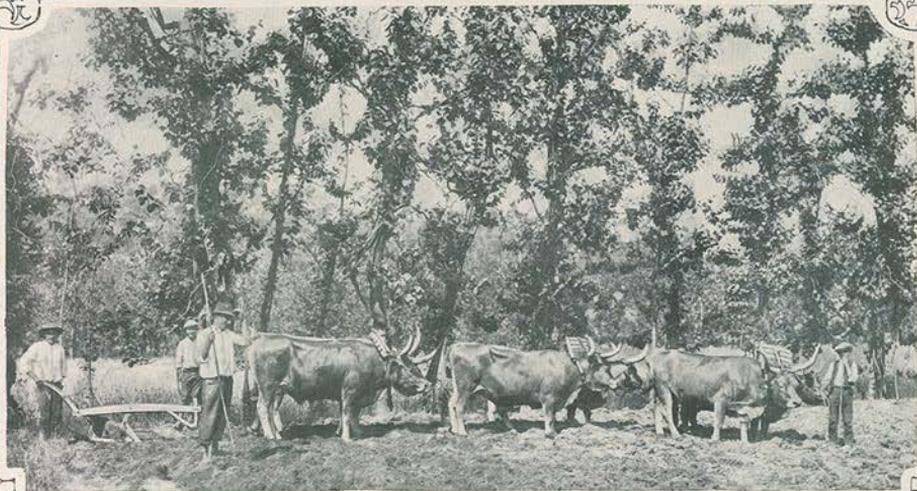
No Alto Minho



Depois d'uma malhada, preparando a palha para empilhar

O Alto Minho é o admiravel jardim de Portugal mas tambem o seu celeiro; tem a vegetação vestindo os seus recantos pitores-

cos mas tambem a semente farta que alimenta o bom povo cuja tarefa ingrata e ardua se faz cantando á luz do sol.



No campo da lavra

(«Clichés» do distintissimo fotografo sr. Lucino Gulmarães, do Porto.)

A CATASTROFE DE PARIS

Paris esteve no dia 15 de junho sob o domínio d'uma tempestade medonha. Houve durante horas um pânico horrível, indisciplinado; a água inundou uma estação do «Metropolitano», a linha ficou destruída, caíram faíscas e o subsolo cedeu cavando grandes fendas, sobretudo na praça de Saint-Augustin.



1. Na praça de Saint-Augustin um automóvel que se despenhou n'uma fenda do chão tendo sido vítimas duas pessoas.

gustin, onde um automóvel se precipitou n'uma d'elas morrendo n'essa catástrofe seis pessoas.

Via-se gente correndo pelas ruas louca e recessa de que se abrissem os vórtices a seus pés, fechavam-se os armazéns, paralisou-se o movimento de veículos ao mesmo tempo que soldados e bombeiros

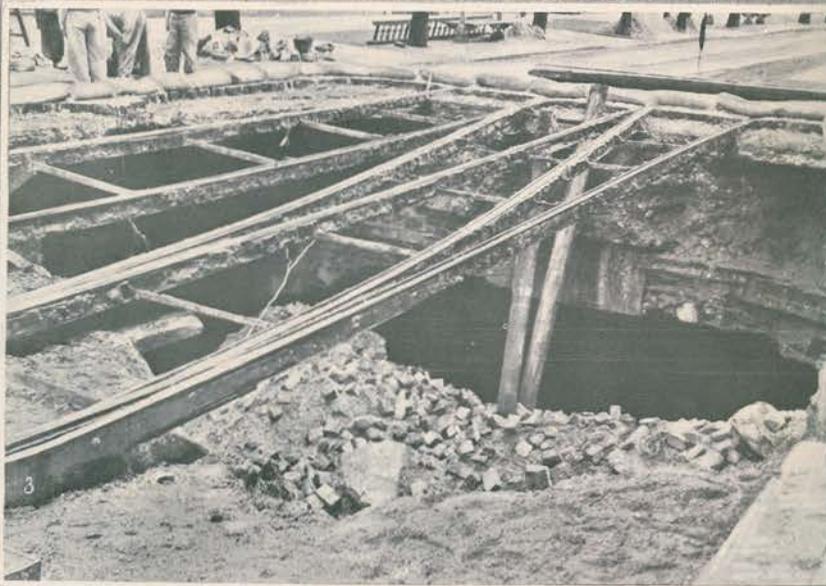
iam arrancando dos buracos enormes os cadáveres que lá se encontravam e que em outros pontos tudo se ia desmoronando sobretudo na linha do «Metropolitano», em cujas proximidades rebentou a canalização da água e do gás.

O subsolo de Paris está perfeitamente minado não só pelas canalisa-



2. Os bombeiros conduzindo o cadáver da mulher, passageira do automóvel que caiu na fenda da praça de Saint-Augustin.

ções e pelo «Metropolitano» mas também pelos tubos d'ar comprimido para a correspondência pneumática e d'ahi ao menor abalo ou inundação produzem-se catástrofes de maior monta que em qualquer outra cidade menos em conformidade com as exigências da vida moderna.



Exposição de pintura José Campas no Rio de Janeiro



Na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro: A sr.^a D. Nair Teffé Hermes e seu esposo, o Presidente da Republica, saindo da exposição.



As despedidas do artista ao Presidente da Republica e a sua esposa quando da inauguração da exposição

Em casa do REI DO CAFÉ.



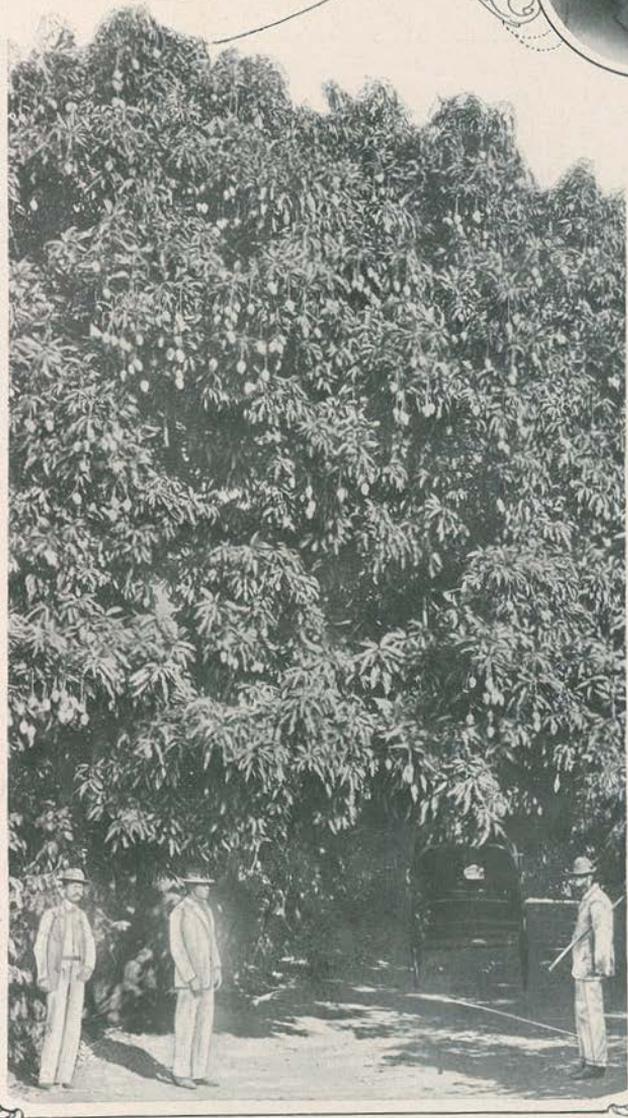
Coronel Francisco Schmidt
(o rei do café)

Quando ao chegar a Ribeirão Preto, dissemos que íamos visitar as Fazendas do Coronel Francisco Schmidt, toda a gente nos elucidou:

— Se nunca viu café, váe vê agora. Na Europa não se crê que basta o Schmidt para inundar os mercados. E a fortuna d'ele! Não calcula! Nem sabe o que tem...

Falára a Opinião Pública. Restavamos, a nós, que de café só sabemos saboreal-o, o vêr, com nossos propios olhos, esse formoso rincão da terra paulista que produz a capitosa iulíacea.

N'uma manhã clara, banhada de sol, que revigorava a côr do sólo da região cafeeira — terra róxá — que leve e mente poeiranta incomoda o viajante inadaptado, fomos em demanda da Fazenda



Uma mangueira na Fazenda do Monte Alegre.

principal, Monte Alegre, situada n'um alto d'onde se avistam leguas de cafezal que de longe, parece ser recortado á escovinha, tal é a harmonia esplendente dos

logo veio ao nosso encontro o celeberrado fazendeiro, mão estendida, riso nos lábios e olhar perscrutador. Estavamos em Casa do Rei do Café, e tínhamos

formosos galhos. Aqui e a lém casinhas alegres em fila, rebocadas de movo, com creanças frescas e tez rosada, brincando, descuidosas, ás portas, onde de vez em vez assomava a cabeça branca de avó entrecida ou o rosto tostado pelo sol de mãe cuidadosa. E o «chauffeur» ã-nos dizendo:

— Tudo isto é do Coronel... Vae conhecê-lo. É' um camaradão... Não é' homem de itoleimas; tanto aperta a mão a um doutor como a um colono... Vae gostar d'ele...

Havíamos chegado. Apresentado pelo ilustre secretario de Agricultura do Governo de S. Paulo dr. Moraes Barros,

entre as nossas as mãos calosas de um Homem. Posto n'um-á-vontade agradabilíssimo, o Coronel Schmidt criou-nos de perguntas sobre Portugal, ansioso de saber qual o estado do paiz d'onde vinha o precioso netar que lhe alegrava a meza. Procurámos informá-lo com sinceridade, não lhe negando os nossos defeitos, mas fazendo questão

de salientar as nossas boas qualidades... Palestrámos muito. Contou-nos, então, com uma grande simplicidade, a sua vida, aliás toda feita de altos e baixos. Talvez, que por tel a vivido assim, ele escolhera de propósito aquelas terras «muito suas», ora elevando-se em caprichosas montanhas d'onde a cultura desafiava o sol, ora descendo em quebradas até se nivelarem com as planícies férteis e atapetadas de um verde anuancado que a retina jámais esquece.

Francisco Schmidt, o Rei do Café, como é conhecido em todo o mundo que negocia com a «Coffea Aralica», como Linneu a classificou, veio para o Brazil ha 54 aros. Tinha nove quando os paes, pauperrimos camponezes de Franckfort, o trouxeram para S. Paulo. Vieram como colonos. O pequeno alemão em vez do bem estar das creanças da sua idade, veio para um paiz estranho rabiçar o arado, plantar o trigo, e capinar o café.

Emquanto os outros filhos do Rheno, com os quaes brincára, enluavam as mãos fustigadas

pelos ventos do norte, ele tinha as suas gretadas do frio paulista que é cortante e humido.

Fez-se homem. A vida ensinou-o a levantar cedo e a aproveitar bem o dia. Entrou de negociar e conhecer os mercados. Emquanto os outros dormiam ele previa que «quem muito dorme...» E poupava, não se furtando, todavia, a

economisar o sustento. Isso não! Demasiado sabia que maquina sem carvão não dá um passo e ele aspirava a caminhar depressa na vida que julgára curta. A's vezes, desanimava um pouco, mas isso era nuvem passageira. Logo se antevia um ceu aberto de esperança; quando a cidade lhe fazia acenos vingativos, de novo fugia para o campo que o recompensava sempre dos seus esforços vigentes.

As safras sucediam-se animadoras. O café, — cuja dinamica evolutiva ele conhece como raros, era-lhe propicio. Foi alargando o seu reino.

Fortificou-se. O seu nome já ultrapassara o Estado e ia dar aos outros exemplos de perseverança honesta. A fama generalizou-se. Os seus dominios estendiam-se pelas fazendas circumvisinhas, cujos proprietarios lh'as cediam mediante contratos amigaveis. E assim foi proclamada a sua soberania...

Durante seis horas corremos de auto por entre cafeezaes. Pareciam aleas de um jardim. Tudo



A casa d'um colono.



Na Fazenda de Santa Gertrudes



Na Fazenda de Monte Alegre, café em grão.

admiravelmente disposto, organizado com disciplina e método. Vimos quatro fazendas: Monte Alegre, Procema, Vassouras e Sertãozinho. Fomos a um grande engenho de assucar e de destilação de aguardentes. Entrámos em casa dos administradores e nas casinhas dos colonos.

Nem uma nota discordante. E entre 6.000 pessoas, que são empregados e trabalhadores efetivos, vimos a maxima disciplina, todos compreendendo os seus deveres e fazendo respeitar os seus direitos.

Falámos com varios colonos portugueses. Plenamente satisfeitos, quasi todos tinham ido buscar a familia. Um d'elles, que é maquinista de uma das minas, tipo rude de trasmontano arguto, disse-nos:

— Enquanto lá tive os meus, ia de dois em dois anos. Mandava a mezada e as brôas. Depois «arresolvime» a trazêl-os, porque aqui a vida é mais «fácel...» Mas, olhe lá, não deixo de ser portuguez por causa d'isso... Pelo contrario, se houver «encença» grossa, e o estrangeiro quizer entrar é este filho de meu pae que

lá vae bater-se como um leão... Fique sabendo! (Textual).

E continuámos, sempre de auto, trilhando caminhos; de um lado, catazaes entormes, d'outro, cana de assucar, ambos prometendo uma feliz colheita.



Troly usado nas fazendas.

uma cigarra, soltou-se patricia minhota esta quadra suplice de amoroso devaneio:

O luar, ô luarsinho
O luar do firmamento.
Tu has de ser o padrinho
Quando for meu casamento...

Entardecia. Eram horas de regressar a Monte Alegre. Guardadas as ferramentas e aquietados os gados, os colonos volviam a casa. Ouviase por todo o campo uma canção crepuscular que expirava como um susurro. Mal se

percebiam as notas emotivas. O auto caminhava célere, resfolegante. Ao entrar uma porteira, perto de um casebre, entre a risada cristalina de um petiz e o trilar de da garganta limpida de uma



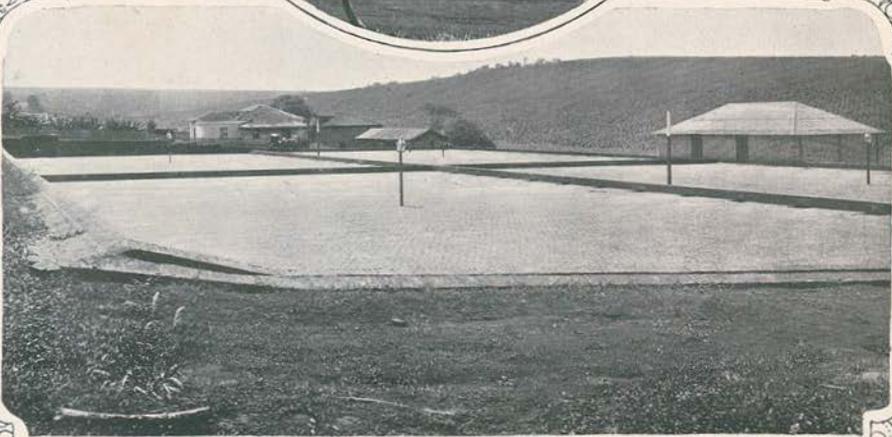
Era bem portugueza essa mulher, de seios montanhosos, corada e forte. Vieram solícita á porta com um pequenino ao colo, loiro como o trigo que viramos á pouco, risonho como o amanhecer d'aquelle dia. Chegadas a casa, jantámos. Sua Magestade, o Rei do Café brindou-nos com a eloquencia propria da sinceridade. A' sua meza cabem todos os que



retirámos, ao apertar a sua mão calosa de Rei-plebeu, perguntámos-lhe se era, ou se desejava ser pelo menos, deputado ou senador:

— Não, senhor, respondeu-nos com um sorriso ironico. O unico cargo politico que occupo é o de presidente da meza de jantar de minha casa...

...Foi quando comprehendemos o



1. Outro aspêto da Fazenda de Monte Alegre.—2. Um trecho da fazenda Iracêma.
3. Na Fazenda Conquista: o terreiro do café.

lhe pedem pousada. O bem que lhe tem feito, está espalhado em muitas leguas em redôr. E, quando motivo porque ele vencera na vida...

JOSÉ SIMÕES COELHO.

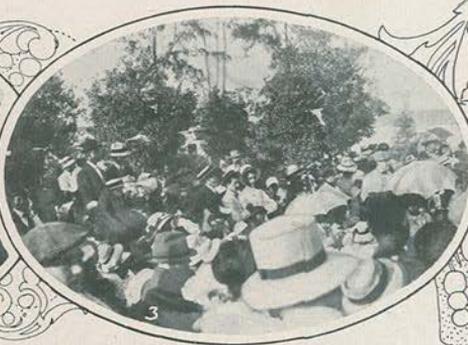
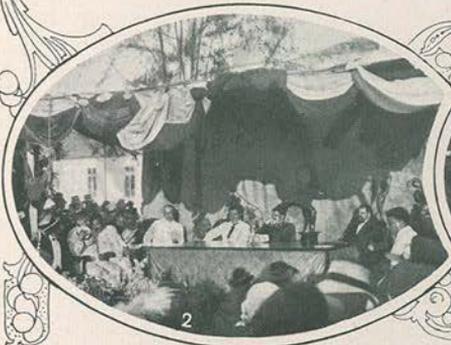
FIGURAS E FACTOS



A bênção do gado na freguezia de S. Geraldo, concelho de Montemor-o-Novo, solenidade que se realisou no domingo da S. S. Trindade.—(«Clichés» do distinto fotografo amador sr. Melo) Abreu).

A tradição continua a manter-se não só nas festas populares mas ainda nos certames das classes trabalhadoras. Assim como se fazem sempre as romarias e como se benzem os barcos lançados á agua para correrem o seu destino, assim se continua

lançando a bênção ao gado n'uma tradicional cerimonia, em varios pontos do paiz, como succedeu ha pouco, por occasião das festas em S. Geraldo, perto de Montemor-o-Novo.



A festa da arvore em Benguela.—2. No pavilhão: Sr. dr. Araujo Leite, delegado do procurador da Republica, vereador sr. Carvalho, sr. Cristóvão Ribeiro, consul da Noruega, sr. H. Fussel, vice-consul dte Inglaterra, sr. A. Mata, da Associação Commercial, A' mesa sr. capitão Goes Pinto, Governador, sr. G. Plantier, presidente da Camara, sr. Mansilha, secretario do governo, sr. Vila Nova, secretario da camara.

3. Durante a plantação da arvore.

O sr. Gomes Neto, falecido ha dias, era um dos mais opulentos capitalistas portugueses que, á força de trabalho e pertinacia, conseguiu ser uma verdadeira potencia na nossa praça. Diretor do Banco de Portugal, da Empreza Nacional de Navegação e socio de importantes firmas commercias era um homem d' iniciativa e um bondoso coração.



Sr. Gomes Neto, diretor do Banco de Portugal, falecido em Lisboa.



O sr. dr. João de Paiva, que faleceu na Praia das Maças.

O sr. dr. João de Paiva, que faleceu na Praia das Maças foi um magistrado digno e reto e um pacifista extreme. Exerceu o lugar de delegado portuguez, durante muitos anos, nas conferencias da Paz na Haia, sendo muito querido e respeitado, contando numerosos amigos em todos os centros pacifistas europeus onde á sua morte foi profundamente sentida.



Os passageiros pernambucanos o bordo do «Avon» em viagem para Lisboa. Fotografia tira-



da expressamente para ser oferecida á «Ilustração Portuguesa».—4 Na distribuição de premios ás crianças robustas na Misericórdia de Lisboa.—No medalhão a creancinha encontrada na rua de S. Bento e que foi batizada Misericórdia de Lisboa com o nome de Bernardino Arriaga sobre o patrocínio do presidente do conselho.

FIGURAS E FACTOS

A recomposição ministerial extra-partidária foi feita com os srs. Santos Lucas e Almeida Lima, que aceitaram as pastas das finanças e do fomento, emquanto o chefe do governo ficava interinamente com



da justiça. Succederam assim aos srs. Tomaz (Cabeira, Aquilino Gonçalves e Manuel Monteiro, filiados no partido democrático, do qual se despediu o ex-ministro das finanças em vista da forma como se solucionou a crise.

1. Sr. Almeida Lima, reitor da Universidade de Lisboa, novo ministro do fomento. 2. Dr. Bernardino Machado, presidente do ministerio e que ficou exercendo interinamente o cargo de ministro da justiça. 3. Sr. dr. Santos Lucas, diretor da Casa da Moeda e novo ministro das finanças.

Os novos generaes são tres dos mais distintos officios do exercito portuguez conforme o tem provadamente mostrado com os comandos exercidos até agora e com as suas car-



reiras brilhantes. Destinados a cargos das maiores responsabilidades, os novos generaes vão continuar n'elles as suas tradições de disciplinadores e excellentes chefes.

4. General sr. Correla Barreto, que foi dirigir as fabricas do Arsenal do Exercito. 5. General sr. Pereira Dias nomeado diretor da 1.ª repartição do ministerio da guerra. 6. General sr. Judice da Costa, vogal do Sup. Conselho de Promoções



7. No embarque do illustre capitão d'engenharia sr. Sá Carneiro, que foi nomeado diretor do porto e dos caminhos de ferro de Lourenço Marques e a cuja despedida assistiram com numerosos amigos pessoas, representantes de todas as

secções do «Seculo» em cujos maquinismos o illustre engenheiro superintendente tecnicamente — 8. O novo paquete «Alcantara» da Mala Real Inglesa que fez a sua primeira viagem a Lisboa, d'onde seguiu para a America do Sul.

(«Clíchés» Benoliel).

No Salão da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
 H "matinée" da distinta professora D. Lucila Moreira



1. A distinta professora sr.ª D. Lucila Moreira.
 2. Sr.ª D. Maria Helena Loureiro

3. Sr.ª D. Elisa Guedes.
 4. Sr.ª D. Emma Marçal.

A "matinée" das alunas da ilustre professora de piano sr.ª D. Lucila Moreira e que se realizou no Salão da «Ilustração Portuguesa» atraíu uma brilhante e seleta sociedade que aplaudiu as distintísimas amadoras que cantaram, tocaram e recitaram

n'essa deliciosa festa. Também a sr.ª D. Elisa Guedes, discipula do distinto professor sr. Artur Trindade, cantou admiravelmente assim como a sr.ª D. Alice Barbosa Cunha recitou com brilho versos de Musset e Lamartine.

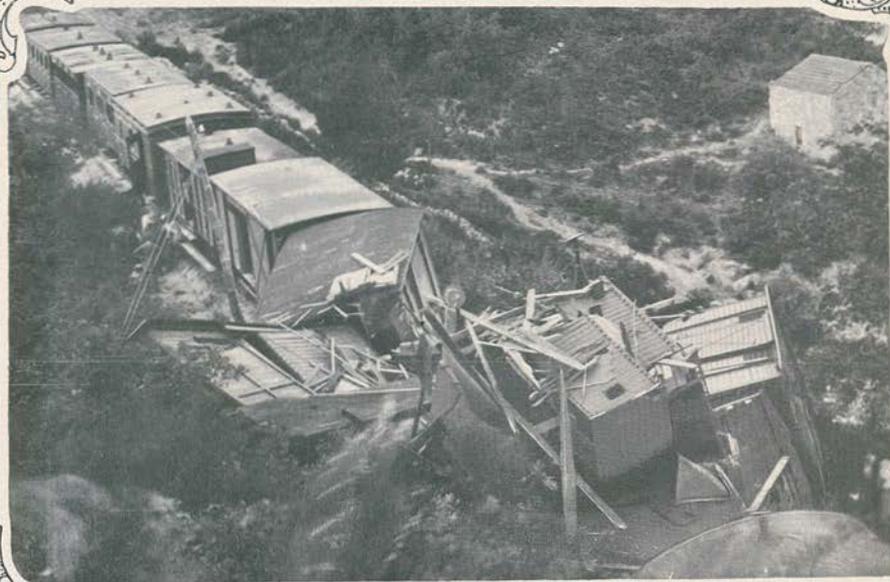


5. Sr.ª D. Maria Carlota Novaes e Margarida Lencastre Novaes. 6. Sr.ª D. Aline Cunha. 7. Sr.ª D. Laura Belozo. 8. Sr.ª D. Amélia Castro Pereira. 9. Sr.ª D. Mavilida Augusta Costa Andrade. 10. Sr.ª D. Raquel Correia. 11. Sr.ª D. Phedra Correia. 12. Menino José Cunha Novaes. 13. As moenhas Germaine e Grete Sterne. 14. A distinta amadora sr.ª D. Alice Barbosa da Cunha que recitou lindos versos de Lamartine e Musset. 15. A distinta amadora de canto e discipula do ilustre maes ro Artur Trindade, sr.ª D. Elisa Guedes, que cantou a «Traviata» e a romença da «Carmen». —(«Clichés» de Bonelle)



Um aspéto da assisténcia á festa promovida pela distinta professora de piano sr.^a D. Lucilla Moreira, no Salão da «Ilustração Portuguesa»

A catastrophe do caminho de ferro em Fornos d'Algodres (Ponte-Seca)



Ochoque de comboios - na linha da Beira Alta, entre as estações de Celorico da Beira e Fornos d'Algodres, foi devido á imprevidencia do praticante de fator Antonio do Amaral que estava substituindo o chefe da estação e que mandou avançar inadvertidamente o «Sud-Express». O comboio vindo da Guarda e que com aquele chocou transportava muitos passageiros alguns dos quaes ficaram contusos ou feridos, recolhendo ao hospital onde faleceu logo o fogueiro Joaquim d'Oliveira Monteiro e onde estão em estado grave o maquinista e o fogueiro do comboio correio Inocencio Neto e Euzébio Neves.

As carruagens do «Sud-Express» ficaram destruidas; no comboio correio uma de terceira ficou como empastada. Foram inexcusáveis de cuidados com os feridos tanto as autoridades como o povo.



1. A locomotiva em destroços. 2. O povo vendo a locomotiva destróida.
(«L'Ilhé» de Correia & Moreira, enviados expressamente á «Illustração Portuguesa»)



O correspondente do «Seculo» em Trancoso, sr. Henrique Bravo tomando as suas : notas
no local da catastrophe



As carruagens do comboio correto em estilhaços—(«Clichés» Aires, da Guarda).

As festas da exposição automobilista do Porto

Realizou-se ha pouco em Paris a exposição de automobilismo, na qual appareceram as melhores marcas de todo o mundo e onde desfilaram milhares de pessoas.

No Porto tambem se fez uma exposição importantissima de automoveis tendo concorrido todos os representantes das apreciadas marcas,



1. Sr. Romualdo Torres. 2. Sr. Cezar Ramos, promotores da exposição e das festas.

que um publico numerozo e devotado ao automobilismo — pois Portugal é um dos paises onde ele mais se tem desenvolvido — percorreu durante os dias que ali durou o certamen.

No vastissimo salão do Palacio Cristal havia diversos «stands» nos quaes appareciam os soberbos carros de luxo



3. Elegantes porruenses no jardim. 4. O sr. conde d'Anadia e seu irmão no jardim do palacio de Cristal.



5. Um trecho da exposição automobilista.



1 e 2. No Jardim do palácio de Cristal do Porto: Durante o chá.

como os velozes veículos de corridas dos mais aperfeiçoados e belos sistemas que demoradamente os visitantes examinaram louvando a iniciativa dos distintos «sportmens» srs. Romualdo Torres e Cesar Ramos que todo o Porto apadrinhou carinhosamente.

Ao mesmo tempo que os «sportmens» analisavam nos «stands» os magníficos carros e discutiam as suas qualidades, ranchos das mais lindas senhoras portuenses faziam da exposição um «rendez-vous» elegante o que levou mesmo os iniciadores da exposição a realizarem



3. Depois da festa—(«Clichés» de Benolle)

também uma festa elegante a que assistiram as pessoas da melhor sociedade da capital do norte e muitas idas expressamente de Lisboa.

Foi nos lindíssimos jardins e na nave do palácio que se puzeram as mesas, sobre as quaes se serviu o chá e o «lunch» o que se fez no meio da mais franca alegria.

Também n'um dos dias os «chauffeurs» portuenses fizeram uma visita á exposição para onde foram nos seus carros dando depois uma volta nos jardins o que foi d'um encantador pitoresco de fita cinematografica que realmente se fez tal era aa interessante nota dos carros correndo mas belas avenidas ladeadas de arbustos e diante de uma assistencia distinctissima.

TEATROS



A companhia Caramba no Coliseu dos Recreios

Il Zingaro Barone, que não teve en-
sejo de vêr, o *Capricho Antigo* e *La*
Belle Rizette são as tres peças desco-
nhecidas do publico de Lisboa que, sal-
vo erro, a companhia Caramba até ago-
ra nos deu.

La Belle Rizette é uma pequenina
maravilha, delicado episodio de fantasia
medieval, que um doce e ingenho per-
fume de lenda doira e engrinalda. É uma
historia de creanças, divertida e candida
como todas as historias de creanças, em
que ha reis e principes, camponezas e
amores. Mas se *La Belle Rizette* é,
pela tessidura leve e graciosa do seu
enredo e dos seus elementos musicaes,
uma coisa interessante, a representação,
a *mise-en-scene*, a moldura que lhe deu
a companhia Caramba, constituem,
sem duvida, uma obra d'arte digna
de ser vista e admirada. O 2.º ato,
sobretudo, é uma das mais perfeitas
realizações de encenação que me tem



sido dado applaudir. Estamos em ple-
no campo, n'uma herdade, cujos tri-
gaes floridos o sol ilumina e amadu-
rece. Pombas esvoaçam sobre os tel-
heiros, uma rapariga muge, cantando,
junto d'um mólho de feno, a vaca pa-
cifica e nedía, — as papoilas elevam na
aragem o seu grito vermelho e estridu-
lo. Só esse delicado cenario, que o
publico, extasiado, aclama, é, de si,
uma terna, alegre, viva bucolica.

La Belle Rizette deu-nos a con-
hecer, na companhia, uma outra atriz
de lindos olhos, voz clara, limpida,
emotiva e que tem um nome que vale
um poema — a signorina Stellina Ma-
ria. A figura é insinuante e os seus
dotes artisticos revelam-nos incontest-
avelmente uma primeira figura no ge-
nero, que pode hombrar com as me-
lhores — e cuja elegancia e talento va-
mos decerto ter ensejo de applaudir no
primeiro plano do repertorio.

A. de C.



1. Tenor Eurico Borghere. 2. Cav. E. Valle. 3. Maestro Vincenzo Bellessa. 4. A signora Steffi Csilling.
5. Uma cena do 2.º ato da «Belle Rizette» (Clichés de Benollet)

PÕ
DE ABYSSINIA
EXIBARD
Sem Opio nem Morphina
Muito eficaz contra a
ASTHMA
Catarrho—Oppressão
35 Anos de Bom Exito,
Medalhas Ouro e Prata.
H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^{os}
6, Rue Dombasle
PARIS
E SOAS PHARMACIAS

Colegio Nacional
SANTAREM
Internato de 1.^a classe para meninas. Professoras estrangeiras, piano, canto, pintura, arte applicada, etc., etc.

INGLÊZ PRÁTICO
O NOVO METODO

Inglêz em 15 dias

Sem livros, sem estudo, com pronunção figurada e conversação por Mr. F. ALEXANDER, of London. Vendem-se lições separadas a 5 cent. Curso completo 50 cent. Propriedade do autor.

F. ALEXANDER

95, Rua Nova do Almada, s/l. D.-Lisboa



~~~~~

**Fabrica Palmeira**

49

TELEFONE 17

**SUCURSAL—Ver-o-peso**

Telefone 526

Caixa Postal 206

*A primeira do Norte do Brazil, montada com todos os aperfeiçoamentos, satisfazendo as maiores exigencias nos artigos de seu ramo.*

**SECÇÕES DE**

**PADARIA, CONFEITARIA, BISCOUTARIA, TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ, REFINAÇÃO MECANICA DE ASSUCAR, MANIPULAÇÃO DE CHOCOLATE, MOAGEM DAS FARINHAS DE MILHO, ERVILHA, TRIGO, FEIJÃO, ARROZ ETC.;**

Importante seção de Massas Alimenticias, onde se fabrica o afamado macarrão em pacotes, o unico que rivalisa com o Italiano, obtendo a medalha d'ouro na Exposição de Turim, em 1911. Fabrica-se tambem Bombons, Amendoas, Cacau-Leite em latas e sortimento completo de Biscoitos. Encontra-se á venda grande sortimento de cartongem propria para presentes.

**Rua Paes de Carvalho, n.ºs 6 a 16—PARÁ**

**FOTOGRAFIA**

*Reutlinger*

A MAIS ANTIGA DE PARIS  
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

**21, Boulevard Montmartre—PARIS**

TELEFONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

Sabonete preparado  
com os saes das Aguas



de **Mizella**

o melhor para a pelle

*No Salão Automobilista*

DO

PALACIO DE CRISTAL

DO

PORTO

*mais de 40 % dos pneus  
de todos os  
carros expostos são*

**Continental**

*A celebre marca  
que vence em toda a parte!*

Os restantes pneus  
dividem-se  
por 10 marcas  
diferentes,  
de todas  
as nacionalidades

A VENDA EM TODAS AS GARAGES